

# PERFIL DA SEMANA — DR. JOSÉ TROVÃO

ANGÉLICA SANTOS

## «TENHO MUITO BOAS RECORDAÇÕES DE ÁFRICA»

Dr. José Trovão, presidente da Assembleia Municipal da Póvoa de Varzim, não se considera político. África ocupa um bom pedaço do seu coração, mesmo porque foi lá que se apaixonou pela sua actual esposa, para além de ter passado naquele continente 20 anos da sua vida.

Na juventude, a maior distração era o bilhar da Associação Comercial, o que roubava muito tempo aos estudos com notas pouco famosas no Liceu.

Nome Completo: José Ferreira Trovão  
Data Nascimento: 19-12-1925  
Naturalidade: Póvoa de Varzim  
Estado Civil: Casado (tem 4 filhos)  
Profissão: Veterinário

Voz da Póvoa — *Passou a infância aqui na Póvoa?*

*José Trovão* — Sim, até ter que sair da Póvoa por causa do Liceu, portanto os primeiros anos foram passados junto da família. Chegado ao 6.º ano, o Liceu da Póvoa já não tinha o 7.º ano e tive que transitar para o de Braga.

V.P. — *Desses tempos, o que mais recorda com vivacidade?*

*J.T.* — Eram bons tempos. Para além da convivência que tinha com os irmãos (éramos quatro), com os pais e com a avó, em casa, tinha aqui na Póvoa um grupo grande de amigos. Durante o período das aulas convivíamos muito e durante a época balnear essa roda de amigos ainda se alargava mais, porque havia pessoas que vinham de fora e que começávamos a conhecer. Podemos dizer que foi uma infância feliz!

V.P. — *A quê que brincavam?*

*J.T.* — Do que me recordo do Liceu, havia os jogos de futebol amigáveis no antigo Liceu da fábrica do gaz. Havia também um jogo que está hoje completamente desaparecido mas que às vezes ainda se fala, que é o jogo da barra. Íamos ao cinema, nessa altura bastante barato, e no Verão, claro, a praia.

V.P. — *Dos amigos da infância, ainda mantém certos contactos ou seguiu rumos diferentes?*

*J.T.* — Dispersámo-nos, mas continuamos amigos. Eu e outro fomos para o Liceu de Braga para o 7.º ano, mas os outros todos foram para o Porto, de maneira que começou aí a nossa dispersão. Depois eu segui veterinária, que nessa altura só havia em Lisboa, enquanto que os outros ficaram todos aqui no norte a tirar os cursos ou a começar a trabalhar em diversas actividades. A partir dessa altura só vinha à Póvoa nas férias e é por isso que há muita gente cá que eu não conheço.

Concluído o curso, fui para África e os conhecimentos ficaram cada vez mais reduzidos. Os conhecimentos que ficaram posso mesmo dizer que foram os da juventude.

V.P. — *Esteve muito tempo em África?*

*J.T.* — 20 anos.

V.P. — *Então tem uma mão-cheia de recordações?*

*J.T.* — Sim, tenho... tenho muito boas recordações de África, do tempo em que eu lá estive. Eu fui para lá num período pacato, talvez até pacato demais. Depois vivi um período mais agitado, com o início do terrorismo, e praticamente na altura da independência foi quando regresssei à metrópole, por motivos de doença.

V.P. — *Foi já em África que constituiu família?*

*J.T.* — África teve uma certa influência, mas a família foi praticamente constituída aqui na Póvoa. É que a minha mulher é poveira e tinha lá uma irmã casada com um parente meu. Normalmente eu ia passar o Natal a casa delas e foi aí que nos encontrámos, se bem que nós já nos conhecêssemos cá, visto que ela andava no colé-

gio com as minhas irmãs. O nosso relacionamento acabou por se estreitar devido a esse Natal que passámos juntos na casa desses parentes. Então, eu vim cá de licença graciosa e acabou por se concretizar o casamento.

V.P. — *Na escola, como era o aluno José Trovão?*

*J.T.* — Nunca fui bom aluno. Sabe que quando éramos jovens havia aqui na Póvoa uma distração muito grande para nós — a Associação Comercial. É que a Associação tinha um conjunto de bilhares e nós íamos para lá jogar, de maneira que às vezes perdíamos um pouco mais de tempo do que seria desejável e os estudos acabavam por sofrer com essa situação. Em Braga, talvez por me sentir um pouco mais isolado e com menos amigos fui obrigado a estudar e então passei a ser muito bom aluno.



Dr. José Ferreira Trovão

V.P. — *Que disciplinas preferia?*

*J.T.* — Eu sempre tive maior inclinação para a Biologia, daí ter seguido a veterinária.

V.P. — *Quem foi a pessoa que mais o marcou?*

*J.T.* — Foi o meu pai. Ele tinha um feitio extraordinário: era uma pessoa que a bem conseguia-se tudo o que a gente queria, eu ou qualquer outra pessoa, mas a mal não havia ninguém que lhe conseguisse fosse o que fosse.

V.P. — *Acha que herdou dele essa personalidade ou não?*

*J.T.* — Não, eu sou diferente. Sou uma pessoa muito mais razoável, talvez não tenha uma força de vontade tão marcada como ele tinha e sou uma pessoa que gosta mais de transigir, de procurar consensos...

V.P. — *Quais são os problemas da actualidade que mais o preocupou?*

*J.T.* — Uma das coisas que me preocupa é o estado em que o mundo está, este estado de convulsão geral. Podemos dizer que atingimos uma situação caótica sobre todos os aspectos, desde o social, o moral, e até certo ponto, o económico.

V.P. — *O Dr. José Trovão é presidente da Assembleia Municipal da Póvoa. Como é que surgiu a política na sua vida?*

*J.T.* — Olhe... eu não sou político, mas entrei na política por uma razão muito simples, sou poveiro. E como poveiro que sou, sou baírrista, gosto da minha terra, gosto de ver que a minha terra progride. Eu estive 20 anos em África e quando retornei à Póvoa tinha quarenta e poucos anos; foi desde essa altura que eu entrei no jogo político. Mas entrei só com esse objectivo, o de tentar fazer com que a minha terra tivesse possibilidades de melhorar (naquilo que eu pudesse fazer com a ajuda daqueles que colaboram comigo).

V.P. — *E em relação ao Concelho da Póvoa, quais os problemas que mais o preocupam actualmente?*

*J.T.* — Temos que melhorar certas situações que são evidentes, a principiá-las pela juventude. Nós temos que olhar para ela com olhos de ver, temos que ajudá-la, pois eu não considero a juventude responsável por muitas das coisas que lhe acontece... acho que, por exemplo, a droga e a prostituição são mais uma consequência do meio e que temos de combater. Este é um dos problemas, mas há outro, precisamente no outro extremo, que é a terceira idade. A esperança da vida está a aumentar, os idosos são muitos, os novos nem sempre têm possibilidades de dar aos idosos a devida assistência. Eu defendo que se devem construir mais lares de Terceira Idade, lares condignos onde as pessoas se sintam bem alojadas e onde tenham uma certa liberdade para andar à vontade.

V.P. — *Portanto, se por acaso o Dr. Trovão viesse hoje a ser eleito presidente da Câmara da Póvoa, eram essas as prioridades logo no 1.º dia?*

*J.T.* — Essa hipótese não coloco, porque o Dr. Trovão já foi uma vez presidente da Câmara e não cai noutra. Não, nem pensar nisso.

V.P. — *Admira algum político?*

*J.T.* — Tenho uma admiração muito grande por aquele já falecido, o Dr. Francisco Sá Carneiro, daí talvez uma das razões de eu ser social-democrata. Acho que o Dr. Sá Carneiro entrou para a política numa altura difícil e ele teve sempre a coragem de enfrentar todas as situações.

V.P. — *O que gosta de fazer nos tempos livres?*

*J.T.* — Gosto de ler, às vezes ouço rádio e vejo televisão e vou ao futebol. Não sou doente pelo futebol, mas ainda gosto.

V.P. — *Já agora qual é o seu clube?*

*J.T.* — É a Académica. É uma coisa que ficou desde os tempos de estudante, porque nessa altura a Académica era um clube muito bom por entre os grandes a nível nacional e da 1.ª Divisão.

V.P. — *Tem medo da morte?*

*J.T.* — Eu acho que não, porque sou católico praticante e por isso encaro a morte dentro daquilo que os católicos encaram. A única coisa que eu peço a Deus é que quando a morte vier venha numa ocasião em que eu esteja preparado para a poder receber e não ser abalado por ela.